

**Teologia da Libertação**  
***Uma intervenção mediática fora de tempo***

**António de Abreu Freire<sup>1</sup>**

**Resumo**

A *Teologia da Libertação* foi um movimento de intelectuais cristãos que apareceu nos anos '70. São três os principais intervenientes: o médico e padre Gustavo Gutierrez no Peru, o franciscano Leonardo Boff no Brasil e o historiador argentino Enrique Dussel, no Equador e no México.

As origens deste movimento encontram-se, na realidade, nas intervenções ao nível das comunidades de base dos jovens católicos brasileiros, dinamizados por D. Helder Câmara e apoiados pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), criada em 1952, quando D. Helder era bispo auxiliar do Rio de Janeiro. No entanto, a acção destes jovens, em sintonia com os grandes movimentos criativos dessa época, não dispunha de uma linguagem formal, de uma sistematização académica que lhes desse corpo e formatasse os seus objectivos. Quando isso aconteceu, já a grande criatividade dos anos '60 se tinha esvaído, Paulo Freire encontrava-se em África, o Brasil e o mundo entravam na fase de uma outra dialéctica que se sobrepunha à da *opressão – libertação*, a da *exclusão – cidadania*.

As dinâmicas das ideias de Paulo Freire e da Teologia da Libertação, continuam no entanto a ser, no início do século XXI, orientações seguras e materiais "geradores" para a construção da *cidadania*, o grande desafio do século ainda criança.

No final de 1964, um grupo de estudantes lançava em Paris um projecto de reflexão e acção intitulado Semanas Latino-Americanas; a primeira tinha por tema *América Latina e Consciência Cristã*. O evento causou surpresa e sensação bastante para que a prestigiosa revista *Esprit*, da editora Seuil, publicasse os textos num número especial (7/8 de 1965). Os autores do evento propunham a abertura de um vasto diálogo com as forças vivas do continente, numa perspectiva cristã, procurando vias que não fossem nem a do capitalismo selvagem nem a do marxismo simplório, para a emancipação do homem de todas as formas de exploração, num clima de liberdade e de socialização. Mas a primeira foi também a última destas Semanas.

Os intervenientes, nomes sonantes em França (Paul Ricoeur, Rudolf Rezsö, François Houtart, Claude Tresmontant, Yves Congar) e intelectuais latino-americanos (Josué de Castro, Enrique Dussel, Arciniegas) logo entenderam uma coisa: usando as mesmas palavras, não falavam a mesma linguagem. Faltaram dois intervenientes a esse encontro: D. Hélder Câmara e Paulo Freire. O Arcebispo de Recife temia que os militares impedissem o seu regresso ao país, como acontecia com Josué de Castro. Paulo Freire tivera que abandonar a Bolívia, chegara ao Chile e não tinha passaporte.

---

<sup>1</sup> Universidade Moderna.  
Contacto: abreufreire@hotmail.com

Ainda não tinha nascido a *Teologia da Libertação*, o que aconteceria 7 anos mais tarde. Na verdade, a reflexão cristã dinamizada pela CNBB (criada por D. Hélder em 1952), assim como as intervenções de um punhado de jovens empenhados em modificar o relacionamento entre os mundos paralelos da abundância e da pobreza, foram a verdadeira fonte da *Teologia da Libertação*. G. Gutierrez baseou-se nas experiências das chamadas "comunidades de base" que se criaram pelo Brasil, dedicou o texto ao padre Pereira Neto, morto pelos militares, e apresentou uma nova proposta teológica e pastoral para que a Igreja abordasse a questão da pobreza e das injustiças sociais, económicas e políticas com firmeza e contundência. O discurso assumia um teor pastoral, abordando a realidade do ponto de vista do oprimido. Os "teólogos" da libertação sistematizavam a luta contra a opressão numa linguagem evangélica.

Os movimentos de ideias e as revoluções supõem palavras geradoras que dinamizem as massas. E a palavra que levava multidões ao delírio era tão velha e tão mágica quanto actual: *Libertação*. Da literatura ao cinema, passando pela pintura e a música, os movimentos criativos brasileiros eram guiados pelo mesmo imaginário colectivo. Já na Semana de Arte Moderna de 22 os intelectuais marcaram posição com esta palavra e os criativos da década de '60, os de São Paulo como os do Beco das Garrafas, marcaram o ritmo da Bossa Nova com o mesmo mote. *Libertação* aplicava-se à palavra, aos ideais, à música, ao sexo, à droga, à comida, à política...e era sinónimo de todas as esperanças inadiáveis. Na Cidade Universitária de Paris, o diálogo com os intelectuais franceses não aconteceu. Para eles, a libertação ainda estava ligada ao fim da segunda guerra mundial, às guerras de independência dos países africanos e sobretudo à guerra da Argélia (1962).

Os primeiros ensaios de uma nova linguagem cristã no continente sul-americano apareceram em duas revistas que da intelectualidade cristã brasileira: a revista *Vozes* e a revista *Painel Brasileiro*, dirigida por Rose Marie Muraro (até 1964). Em seguida apareceram os *Círculos Bíblicos* de Carlos Mesters, onde se abordava uma leitura política da Bíblia, do ponto de vista dos oprimidos. Finalmente a editora *Vozes*, que se empenhou seriamente em publicações de obras ousadas.

Os primeiros textos de Leonardo Boff, (*Jesus Cristo Libertador*, 1972) foram publicados na *Vozes*. Ele tinha chegado ao Brasil um ano antes, quando Gutierrez publicava *Uma Teologia da Libertação*. A palavra mágica era a mesma dos condoreiros e abolicionistas, dos filósofos da escola do Recife, dos artesãos de Semana de 22. Mas isto acontecia 20 anos depois da CNBB ter lançado o primeiro grande movimento de educação popular no Brasil (1952), dez anos depois da experiência de Paulo Freire em Angicos. Na realidade, estes teólogos chegavam atrasados ao cenário da acção com uma "antropologia teológica". Teria sido oportuno, dentro da estratégia de dialéctica "opressão - libertação", que ao mesmo tempo que havia uma *Pedagogia do Oprimido*, um *Teatro do Oprimido*, houvesse uma *Teologia da Libertação*. A refrega de carácter institucional teve lugar nos anos '80 (o livro que leva Boff ao banco dos réus, *Igreja - Carisma e Poder* data de 1984). Apesar de todo o aparato e da celeuma que as ideias desencadearam, o perigo de heresia não parecia preocupar demasiado as autoridades e a penitência de Roma foi branda: um ano de silêncio. O espectáculo desviou a polémica para o campo da ortodoxia e levou os católicos a interrogarem-se não sobre a oportunidade de uma linguagem antropológica em sintonia com

os demais movimentos culturais que mexiam com a América do Sul, mas sim sobre a eventual heresia dos teólogos populares.

Estes intelectuais desenvolviam um raciocínio de matriz importada: eles chegavam todos de grandes universidades da Europa e eram, até certo ponto, observadores. Gustavo Gutierrez chegava de Lovaina e Lyon; Enrique Dussel chegava de Munster e de Paris; Leonardo Boff tinha estudado em Lovaina, Oxford, Wurzburg e Munique. Josué de Castro, na sua intervenção da Semana Latino-Americana de Paris disse o seguinte: *O problema fundamental da América Latina é o da resistência à mudança, num mundo que faz da mudança a sua própria razão de existir*. E qual a razão desta resistência à mudança? O feudalismo agrário que favorece a opressão. E qual é o caminho para sair desta opressão? *A tomada de consciência da realidade, a que chamamos libertação*.

Era esta a filosofia de Paulo Freire e dos intervenientes que construíram, no Brasil, uma nova dinâmica. Havia uma Pedagogia do Oprimido, um Teatro do Oprimido, Música, Poesia, Pintura do Oprimido... e a cada uma destas tomadas de consciência correspondia um movimento de Libertação. Mas quando chegaram os intelectuais da *Teologia da Libertação*, já o incêndio estava no rescaldo.

As lutas da década de '80 eram outras. A dialética *opressão-libertação* já não motivava como antes. O mundo mudava bruscamente para um conservadorismo e um neoliberalismo globais, o que levaria à decomposição dos sistemas comunistas (o muro de Berlim caiu em 1989). Foi a década de Ronald Reagan, Helmut Kohl, Margaret Thatcher, João Paulo II, Gorbatchev. As propostas de Paulo Freire andavam por três continentes e ele voltara ao Brasil, amnistiado pelo poder, acarinhado pelos intelectuais. Quando Leonardo Boff respondia em Roma, o professor da Unicamp colecionava honras e medalhas de instituições brasileiras e do mundo, em reconhecimento pelo seu trabalho pioneiro de pedagogo. A globalização implicava uma outra dialéctica, a da *exclusão – cidadania*, com a qual terá que lidar a infância do século XXI.

Mas a dialéctica *exclusão – cidadania* não significa que a precedente *opressão – libertação* tenha sido resolvida ou esteja ultrapassada. A história dos homens, também ela, faz-se com temas e palavras geradoras, fonemas das esperanças inadiáveis, e a palavra geradora deste pedaço de século em que vivemos é *Cidadania*.